

O país está a perder estrangeiros. Bragança e Beja estão a ganhar

Mais oportunidades de emprego e acordos com instituições do ensino superior nestes distritos terão motivado o aumento do número de imigrantes entre 2008 e 2016. A tendência é contrária ao que se passa no resto do país

Imigração Rita Marques Costa

No ano passado, viviam mais 972 estrangeiros em Bragança do que em 2008. No total, em 2016, contavam-se 2685 residentes de outras nacionalidades, um número que representa apenas 2% da população do distrito, mas um aumento de 56,7% entre os dois períodos em análise, indicam dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (incluem títulos de residência e vistos de longa duração). Quando o objecto de análise é a variação entre 2015 e o ano passado, Bragança também aparece no topo da lista, com um aumento de 11,6%.

Esta tendência é contrária à manifestada a nível nacional. Entre 2008 e 2009, registavam-se os números mais elevados de estrangeiros a residir em Portugal. Hoje, apesar de um ligeiro crescimento entre 2015 e 2016, a diferença em relação aos valores da década passada ainda é negativa.

Pedro Góis, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, salienta que este aumento em Bragança foi conseguido na sequência de um maior número de residentes cabo-verdianos, búlgaros e espanhóis.

Cada indivíduo terá os seus motivos para imigrar para este distrito, mas no que respeita às motivações de cada nacionalidade é possível identificar tendências. O aumento da população cabo-verdiana, por exemplo, está relacionado com os acordos firmados entre instituições de ensino e outros organismos em Cabo Verde. Numa fase inicial, os estudantes terão sido os principais beneficiários destas políticas, mas depois disso “há um efeito de rede” que traz também as pessoas que lhes estão ligadas, comenta Pedro Góis.

Quanto aos búlgaros, vêm na sua maioria para executar tarefas agrícolas, uma vez que “há menos mão-de-obra disponível nestes territórios”. Por sua vez, o movimento de espa-

nhóis decorre da proximidade de fronteiras naquele ponto geográfico.

No que diz respeito à população brasileira, mais tradicionalmente presente em todo o país e também neste distrito, a evolução foi mais comédia. Contudo, Pedro Góis avisa que não quer dizer que há menos residentes de origem brasileira. Há, sim, mais gente a pedir a nacionalidade portuguesa e, por consequência, desaparece destas estatísticas.

Mas o mais “surpreendente” de tudo, diz Pedro Góis, é a maior diversidade na origem destes estrangeiros. Durante o período analisado, Bragança recebeu cerca de 30 novas nacionalidades. Outro aspecto “interessante” é o equilíbrio entre homens e mulheres, quando a tendência global é a de uma feminização da imigração. Isto sugere uma intenção de estadia a longo prazo, uma vez que “vêm ambos os elementos do casal”.

Agricultura puxa por Beja

Jorge Malheiros, investigador do Centro de Estudos Geográficos, explica que o aumento do número de estrangeiros residentes em Beja prende-se com o “desenvolvimento da agricultura de mercado, razoavelmente intensiva e bastante organizada” nesta região. Foi este fenómeno, com especial impacto em Odemira, que “ajudou a fixar a mão-de-obra imigrante”.

O número de estrangeiros a residir no distrito de Beja passou dos 5260, em 2008, para os 7624, em 2016. Odemira é um dos dez municípios com mais estrangeiros em relação à população residente. São cerca de 16,9%. Desses dez, é o único que não se situa no distrito de Faro. Albufeira, por sua vez, é o concelho onde a proporção de estrangeiros entre os residentes é maior (são um em cada quatro).

Em 2008, a comunidade brasileira era a principal no distrito de Beja. Mas, em 2016, foi ultrapassada por gente vinda da Tailândia, Roménia e Bulgária, que nesse ano passaram

a ocupar os primeiros lugares da lista de estrangeiros com estatuto de residente. A comunidade nepalesa em Beja também cresceu exponencialmente neste período.

A responsável pelo Observatório das Migrações, Catarina Oliveira, admite que o aumento registado em alguns locais “pode não ter sido devido a novos fluxos, mas a pessoas que se movimentaram dentro de Portugal”. Os estrangeiros “são mais flexíveis em relação à actividade económica praticada e à região onde vivem”.

O factor integração

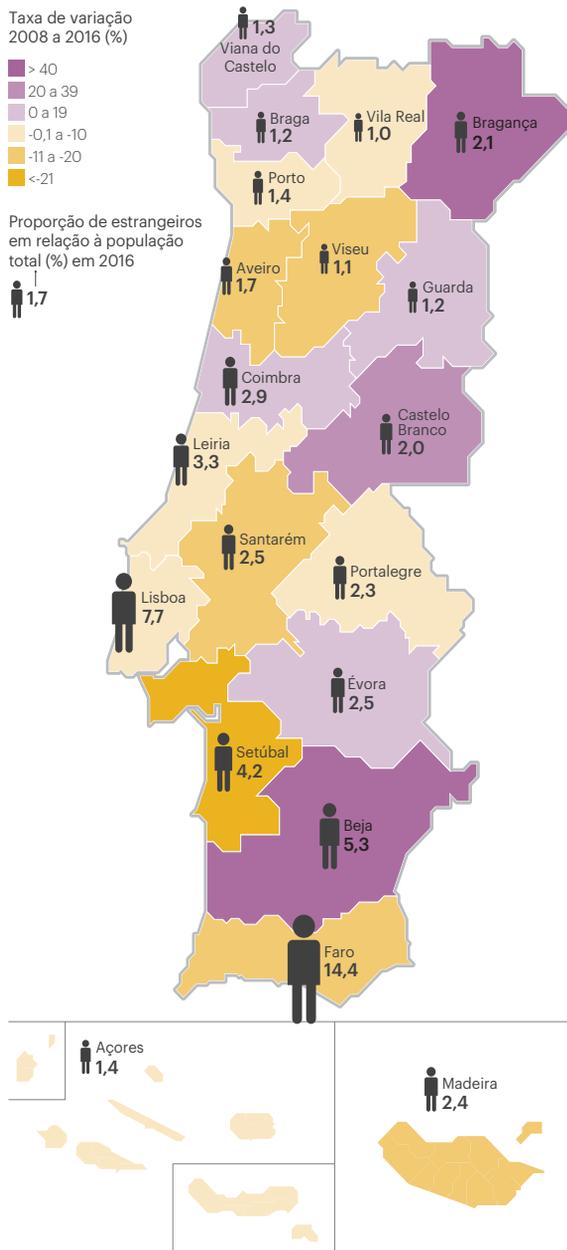
Para Jorge Malheiros, a integração destas comunidades será mais facilitada quando os imigrantes são estudantes, uma vez que a população tem “uma certa empatia” por eles. “Animam o sítio e há uma boa percepção da presença das instituições de ensino superior.”

Quando se trata de imigrantes laborais, o caso é diferente e colocam-se “grandes desafios sociais”. O geógrafo dá o exemplo de São Teotónio, uma localidade em Odemira, distrito de Beja, onde o número de imigrantes aumentou na sequência do desenvolvimento da agricultura na região. “A imigração para esta localidade tende a ser sobremasculinizada, de uma cultura diferente, e por vezes a ocupação do espaço público gera alguns focos de tensão”, explica.

Mas para Mário de Carvalho, presidente da Associação Cabo-verdiana de Lisboa, ainda “falta representação política”. “Precisamos de estar nos sítios onde se decide”, nomeadamente na Assembleia da República e no poder local. Caso isso não aconteça, “há um afastamento das pessoas”.

No sentido de facilitar a integração da população imigrante, já há alguns municípios a adoptar planos para a sua integração – Odemira é um deles. Segundo o Alto Comissariado para as Migrações (ACM), há outros 37 municípios com Planos Municipais para a Integração de Migrantes (PMIM).

Entre 2008 e 2016, a população estrangeira a residir em Bragança aumentou mais de 50%



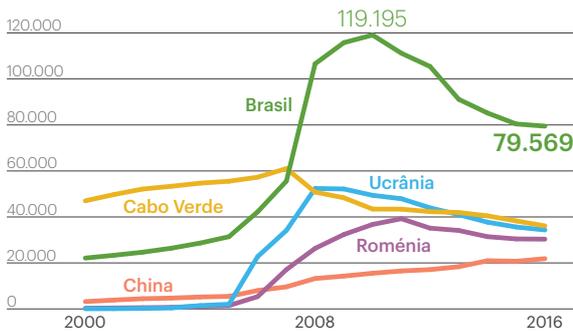
Fontes: SEF, INE



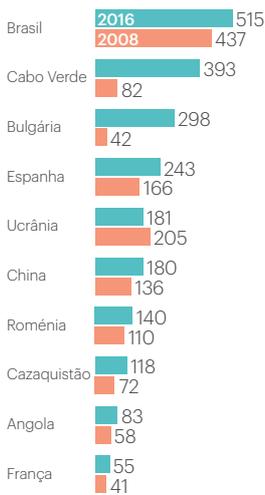
“Há uma imagem boa do país, de que é tranquilo e tem qualidade de vida”

Jorge Malheiros
Geógrafo

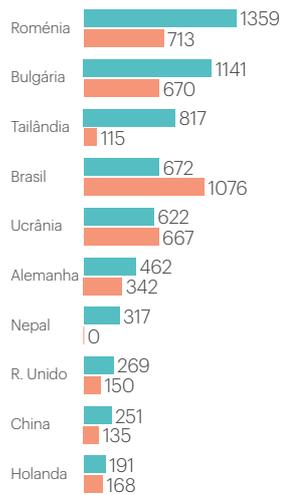
Os estrangeiros de origem brasileira estão em maioria desde 2008



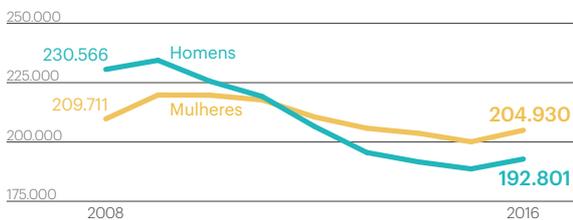
Em Bragança, a população cabo-verdiana foi a que mais cresceu



Em Beja, os romenos, os búlgaros e os tailandeses estão em maioria



Já há mais mulheres estrangeiras do que homens



A população estrangeira em Portugal está hoje longe dos números da década passada

Além disso, “existem ainda parcerias formalmente estabelecidas com o ACM, com mais de 60 municípios, para a dinamização de centros locais para a integração de migrantes, entre os quais estão também representadas as regiões com menor incidência de população estrangeira residente, como é o caso de Macedo de Cavaleiros ou Figueira de Castelo Rodrigo”, adianta Pedro Calado, responsável pelo ACM, em respostas por escrito.

Preferência pelo litoral

O Observatório das Migrações também tem trabalhado na desconstrução de alguns mitos que rodeiam a população imigrante, com o objectivo de promover e agilizar o processo de integração. Por exemplo, o mito de que a população imigrante desgasta o sistema de segurança social do país. Se é verdade que “os imigrantes estão em maior risco de pobreza”, também o é que há um saldo positivo de 400 milhões de euros entre contribuições e benefícios dos residentes estrangeiros em Portugal, detalha Catarina Oliveira.

Um relatório produzido pelo Observatório das Migrações em 2017, sobre as tendências da imigração,

destaca que “nem todos os distritos de Portugal atraem da mesma forma a população estrangeira”.

De facto, apesar do crescimento em Beja e Bragança, a maioria dos imigrantes ainda vai para os distritos do litoral. No total, metade dos estrangeiros está concentrada em dez municípios. Seis são no distrito de Lisboa, dois em Faro, um em Setúbal e outro no Porto.

Neste documento lê-se: “A elevada concentração de estrangeiros na região de Lisboa resulta, em grande medida, das primeiras vagas de imigração provenientes dos PALOP [Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa], embora a partir de meados da década de 90 novas vagas de imigração tenham conduzido a uma ligeira diminuição da sobreconcentração nessa região e contribuíram para uma maior dispersão geográfica dos estrangeiros dentro do território português.”

Ainda assim, quase todos os municípios do interior do país são afectados pelo saldo migratório negativo. Só 80 dos 278 municípios de Portugal continental apresentaram saldos migratórios positivos. O maior número de entradas em relação ao total de saídas foi registado em Lou-

rença, onde entre 2015 e 2016 esta diferença foi de mais 1249 imigrantes do que emigrantes. Por sua vez, o saldo migratório mais negativo foi registado em Guimarães (-1142). Depois deste município, os saldos migratórios mais baixos verificaram-se em Vila Nova de Gaia (-1033), Barcelos (-887) e Braga (-806).

Quanto a tendências globais, Jorge Malheiros defende que o “aumento [do número de imigrantes] vai continuar”. Porém, “não vamos chegar aos valores do início do século”, avisa.

Há várias razões que suportam esta teoria de crescimento, diz o geógrafo. Em primeiro lugar, “a economia está a mexer”. Há também o efeito de rede, que tem a ver com a forma como as pessoas se atraem umas às outras. Por fim, a questão dos refugiados que, apesar de comparados com outros países serem em muito menor número, também será um factor que fará aumentar a quantidade de estrangeiros a viver em Portugal.

rmcosta@publico.pt



Aqui os estrangeiros só lamentam uma coisa: “Isso mesmo, o frio”

Estrangeiros são 26% dos inscritos no Instituto Politécnico de Bragança e mais de metade desses são cabo-verdianos e brasileiros. O que é que Bragança tem?

Reportagem Samuel Silva

“Se não fosse pelo frio, Bragança era uma Il.ª ilha de Cabo Verde.” Délvis Reis atira a frase com uma gargalhada, mas é mesmo a sério que fala. Sente-se “em casa”. “Podes ser feliz em qualquer lugar de Portugal, mas cá somos muitos”, explica. Actualmente, vivem na cidade mais de 700 cabo-verdianos, quase todos estudantes no Instituto Politécnico de Bragança (IPB). A estratégia de atracção de alunos internacionais para a instituição está a mudar a face da cidade transmontana. Há quase 2000 estrangeiros a estudar aqui.

Délvis veio para Bragança estudar Arte e Design. Terminado o curso, decidiu ficar e acaba de entrar nos Bombeiros Voluntários de Bragança (BVB). Por causa de uma publicação sua no Facebook, outros três conterrâneos, todos estudantes do IPB, também se juntaram à corporação. Eugénio Lopes, Elderson Lopes e Andrea Borges vestem o mesmo uniforme: calças de sarja azuis, camisolão vermelho, botas pretas.

Este é já o terceiro grupo de cabo-verdianos nos BVB. Todos estudantes do IPB. Os primeiros chegaram em 2013 e “causaram alguma estranheza”, confessa o segundo-comandante, Carlos Martins. “Ninguém acreditava na continuidade.” Contudo, não foi assim: esses alunos ficaram na corporação durante os quatro anos em que estudaram em Bragança e só saíram quando encontraram trabalho em cidades do litoral.

“Sempre deram o que podiam, tal como quem é natural de Bragança”, elogia o segundo-comandante dos bombeiros, para logo depois corrigir: “Corro o risco até de dizer que se calhar deram mais. Como não tinham cá as famílias, vinham para o quartel mais amiúde.”

Nos últimos oito anos, Bragança foi o distrito em que mais aumentaram os pedidos de residência de estrangeiros. Na capital de distrito, onde se concentra um quarto da população da região, aumentou exponencialmente o número de cabo-verdianos neste período. Do arquipélago africano chegaram 346 pessoas em 2016 – em 2008 eram apenas 38.



O número de cabo-verdianos cresceu tanto que, dentro da Associação de Estudantes Africanos em Bragança, foi necessário criar um núcleo para cada uma das ilhas do arquipélago, para melhor responder às necessidades de acolhimento dos alunos. Não é apenas Cabo Verde a destacar-se como país de onde chegam cada vez mais pessoas ao concelho de Bragança. No mesmo período, o número de brasileiros a quem foi concedida autorização de residência aumentou 40%. Foram 248 em 2016.

Necessidade e oportunidade

Olha-se para os números de inscritos no IPB e percebe-se uma relação. Em 2016, houve 554 alunos cabo-verdianos e 270 brasileiros matriculados na instituição. Este ano, o número subiu: há 687 alunos de Cabo Verde e 521 do Brasil. O crescimento dos estudantes brasileiros deve-se ao facto de o Exame Nacional de Ensino Médio do país ter passado a ser reconhecido em Portugal, facilitando o processo de candidatura a uma licenciatura. Os estudantes daquelas duas nacionalidades representam

mais de metade dos 1987 alunos estrangeiros da instituição.

Nada disto é uma coincidência. Há seis anos, o instituto politécnico desenhou uma estratégia para atrair mais estudantes internacionais e Cabo Verde e Brasil foram as suas primeiras apostas. “Foi um misto de necessidade e oportunidade”, comenta o presidente do IPB, João Sobrinho Teixeira.

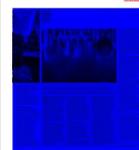
Viviam-se tempos de crise de procura dos estudantes nacionais no ensino superior, que afectavam particularmente as instituições do interior. O IPB, que hoje tem 7600 estudantes – e foi a instituição que mais cresceu no último Concurso Nacional de Acesso –, chegou a ter menos de 5000 inscritos em alguns anos lectivos, entre 2009 e 2013.

O politécnico apostou na divulgação da sua oferta em sites especializados internacionais e criou acordos de cooperação com instituições brasileiras – neste momento são 63 as universidades parceiras – e com câmaras municipais cabo-verdianas e a própria Universidade de Cabo Verde. Foi através desses canais que começou a chegar um número crescente de estudantes desses

países, num processo acelerado com a aprovação do estatuto do estudante internacional, em 2014. Depois, o passar-palavra fez o resto. E a crescente comunidade de Cabo Verde e do Brasil na cidade atrai cada vez mais conterrâneos.

A Avenida Sá Carneiro, que liga o IPB ao centro de Bragança, é, por estes dias, uma das ruas mais cosmopolitas do país. É ali que vive a esmagadora maioria dos estudantes internacionais do politécnico, que, neste ano lectivo, vêm de 69 países diferentes – e de proveniências tão diversas como o Nepal, o Quirguistão, o Kosovo ou a Mauritânia.

Nos cafés e bares frequentados pelos alunos não é difícil tomar contacto com esta diversidade. Nas mesas ouve-se falar crioulo, português com diferentes sotaques, inglês. Em muitos desses estabelecimentos trabalham também estudantes estrangeiros em *part-times* com que ajudam a pagar os custos da estadia em Portugal. O impacto do número crescente dos estudantes internacionais na cidade sente-se também nas cadeias de supermercados que operam em Bragança, onde é comum



FOTOS: ADRIANO MIRANDA



Quase 2000 estrangeiros estudam hoje em Bragança e isso está a mudar a face da cidade



encontrar prateleiras repletas de produtos importados, incluindo grogue, a bebida típica de Cabo Verde, ou milho para cachupa.

Os 1987 estudantes internacionais significam 26% do total de estudantes. É o maior rácio de todo o sistema de ensino superior nacional. E têm um peso muito determinante numa cidade com cerca de 25 mil habitantes.

Revitalizar a cidade

O IPB mediu, este ano, o impacto económico directo dos alunos estrangeiros, não só em Bragança mas também em Mirandela, cidade que tem um pólo do IPB. Todavia, outras mudanças que não são medidas nesse estudo começam a sentir-se na cidade, desde logo, no mercado de habitação e na reabilitação urbana.

Em 2009, Vítor Laranjeira percebeu as dificuldades com que os alunos estrangeiros que chegavam a Bragança se deparavam: oferta escassa, relutância dos senhorios em fazer contratos de curta duração e a barreira linguística. Criou a empresa Riskivector, que é agora quem arrenda os apartamentos – cerca de 90 – directamente aos

Estudantes estrangeiros têm impacto anual de 12,3 milhões

Um aluno internacional gasta, em média, 448 euros por mês no distrito

O crescimento do número de estrangeiros no Instituto Politécnico de Bragança (IPB) está a ter um impacto “bastante relevante” na economia de Trás-os-Montes. A conclusão é de um estudo de três docentes da instituição, segundo o qual os cerca de 1500 alunos internacionais que estudaram no ano lectivo passado na instituição gastaram mais de 12,3 milhões de euros nas cidades de Bragança e Mirandela.

A maior fatia deste impacto económico é assegurada pelos estudantes que fazem todo o curso em Portugal, como acontece com a generalidade dos alunos cabo-verdianos e a maioria dos brasileiros. Por conta destes alunos, circulam na economia das duas cidades onde há pólos do IPB 5,5 milhões de euros por ano.

“A estratégia de

internacionalização do IPB consegue atrair alunos que geram gastos na região e contribuem para o desenvolvimento económico das regiões”, conclui Joana Fernandes, professora daquele instituto politécnico, que assina o trabalho com Salette Esteves e Elsa Esteves. “Numa região tão desfavorecida como a de Bragança e Mirandela ainda têm um impacto bastante relevante”, sustenta.

De acordo com aquele trabalho, os alunos internacionais gastam, em média, 448 euros mensais na região. É um pouco menos do que o valor que tinha sido apurado em 2012 num estudo semelhante que abrangiu apenas os estudantes nacionais: 500 euros.

O valor varia em função do programa que os leva a Trás-os-Montes. Por exemplo, os alunos

do programa europeu Erasmus gastam, em média, 692 euros por mês e os estudantes de Dupla Diplomação — convénio estabelecido entre o IPB e vários institutos brasileiros — gastam 317 euros por mês. Fruto do acordo estabelecido com os parceiros brasileiros, estes estudantes têm alojamento e alimentação paga pelo IPB.

O impacto económico dos estudantes internacionais foi medido no último lectivo, 2016/2017, com base numa população de 1449 alunos, que foram inquiridos por email. Este ano, o número de alunos internacionais subiu para quase 2000, pelo que o impacto económico será superior. O estudo coordenado por Joana Fernandes foi entregue, no Verão, à presidência do IPB, que o tinha encomendado, e será em breve objecto de publicação científica. **S.S.**

proprietários e imobiliárias, e subarrenda aos estudantes, depois de os mobilar e equipar, entre outros serviços prestados.

“Muitas destas casas estavam fechadas se não fôssemos nós”, sublinha Laranjeira. A empresa — que no ano passado facturou 300 mil euros e tem dez funcionários, metade dos quais estrangeiros — investiu também na reabilitação do antigo edifício da Segurança Social, no centro histórico da cidade, para o transformar em habitação para estudantes.

Também a Câmara de Bragança recuperou dois edifícios no centro histórico, bem perto do castelo, para residências universitárias destinadas exclusivamente a alunos estrangeiros. São dois dos poucos edifícios reabilitados naquela zona da cidade, bastante degradada e cada vez menos povoada. No próximo ano, nasce uma terceira residência universitária na mesma área.

Mas, afinal, o que atrai os estudantes estrangeiros à cidade transmontana? A resposta é dada por Higor Cerqueira, que preside à Associação de Estudantes Brasileiros em Bragança: o prestígio que o IPB está a ganhar em rankings internacionais — foi considerado o 50.º melhor do mundo na área de Ciência e Tecnologia Alimentar pelo ranking de Xangai e tem surgido bem colocado nas listas de Leiden, SCLMago e U-Multirank; a qualidade de vida e segurança da cidade; o baixo custo da propina (1090 euros anuais para alunos estrangeiros), bem como o baixo custo de vida.

Como vários outros alunos brasileiros com quem o PÚBLICO falou no IPB, Higor chegou a Bragança com a intenção de passar um semestre ao abrigo de um programa de mobilidade e acabou por gostar tanto da experiência que agora está a fazer um mestrado na instituição. “Viver em Bragança é incrível. Quando vou ao Brasil, não vejo a hora de voltar”, conta. Dificuldade, mesmo, só encontra uma. A mesma com que lida Délvis Reis e muitos outros brasileiros e cabo-verdianos habituados a climas tropicais: “Isso mesmo, o frio.”

samuel.silvar@publico.pt



Edição Lisboa • Ano XXVIII • n.º 10.112 • 1,20€ • Terça-feira, 26 de Dezembro de 2017 • Director: David Dinis Adjuntos: Diogo Queiroz de Andrade, Tiago Luz Pedro, Vítor Costa Directora de Arte: Sónia Matos

P

Preços em 2018

Transportes e rendas de casa a subir, saúde e luz a descer

Os preços que vão mexer com o nosso bolso no ano que vem

Destaque, 2/3

Bancos protegidos contra o fim das comissões sobre as contas

Mesmo que o Parlamento legisle sobre o fim das comissões bancárias, os clientes vão continuar a pagar custos de gestão. Deco estima que os bancos ganhem cinco milhões por dia em taxas **Economia, 16/17**

HOJE COMEÇAM!

De 26 de Dezembro de 2017 a 28 de Fevereiro de 2018

saldos ATÉ -50%

Veja as melhores propostas na pág. 5

elcorteingles.pt

Bragança e Beja ganham estrangeiros

Com o país a perder estrangeiros, escolas ajudam a fixar imigrantes **p8 a 11 e editorial**

Marco Paixão, um goleador português

Aos 33 anos, o avançado que joga na Polónia está apenas a um golo de Messi **p36**

A esperança pode ser uma ideia revolucionária

Esperar que deus exista pode combater a fé cega na tecnologia **p24/25**



O Natal com Marcelo Rebelo de Sousa

“Não tenham medo de dizer afecto. Ou amor”

Presidente exige nova estratégia na primavera e diz que Costa está “empenhado” em estar “à altura do teste”
Entrevista e reportagem de David Dinis **p4 a 7**